

“Lutar não é loucura”: a ação do grupo Mães Kiss em busca de memória e justiça no caso da tragédia

**Alice Bianchini Pavanello
Sandra Rúbia Silva**

Resumo

Um grupo de mães que perdeu os filhos na Tragédia da Boate Kiss se uniu para pedir justiça e memória. Como forma de resistência, elas realizam vigílias permanentes no centro de Santa Maria/RS e consomem o Facebook como dispositivo de comunicação com a sociedade. O objetivo deste artigo é analisar as práticas de consumo do Facebook pelas Mães Kiss para enfrentar as tentativas de silenciamento de suas vozes, naturalização das injustiças e esquecimento da tragédia. Este trabalho está amparado nas teorias do consumo sociocultural das plataformas digitais (MILLER et al, 2016; CAMPANELLA; BARROS, 2016; CASTRO, 2014, DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004). É adotada uma abordagem etnográfica para internet (HINE, 2015, 2016), por meio da qual se busca uma reflexão baseada nas publicações e a percepção dessas práticas pelas próprias mães. Dentre as conclusões, se aponta o Facebook como sendo consumido de forma a criar e legitimar a presença delas nos espaços públicos físicos e virtuais e um esforço para fortalecer a luta do grupo em busca de memória em nome da justiça.

Palavras-chave: Facebook. Práticas de consumo. Boate Kiss. Mães Kiss. Memória.

Introdução

Repetir constantemente que “Lutar não é loucura” faz parte das ações realizadas por um grupo de mães que perdeu os filhos na tragédia da Boate Kiss. A frase, que funciona como lema e ao mesmo tempo como motivação, estampa bottons, camisetas e banners expostos na Tenda da Vigília e ocupa as publicações feitas pelas mães em seus perfis no Facebook.

A tragédia da Boate Kiss aconteceu na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, em Santa Maria, cidade com cerca de 280 mil habitantes, localizada no interior do Rio Grande do Sul. A casa noturna, onde acontecia uma festa organizada por estudantes universitários, pegou fogo depois que um dos integrantes da banda que estava no palco acendeu um artefato pirotécnico. As chamas atingiram o forro da estrutura e se alastraram rapidamente, matando 242 pessoas, a maioria intoxicada com a fumaça.

O incêndio e os desdobramentos fizeram com que mulheres, que nunca tinham se visto, ou tinham pouco contato, se tornassem amigas, companheiras unidas pela profusão de sentimentos que a perda de um filho pode resultar, bem como a revolta pela falta de justiça. Para algumas, a aproximação se deu ainda na procura dos corpos dos filhos, outras fortaleceram os laços durante as manifestações que se seguiram à tragédia, caminhadas, protestos, ocupações nas quais elas erguiam suas principais bandeiras de justiça e memória. A ligação entre as mães se deu de diferentes formas e ainda hoje tem variados graus de intensidade e de proximidade. Esse grupo, formado por cerca de dez mulheres, é conhecido na cidade de Santa Maria como Mães Kiss.

As mães enlutadas foram obrigadas a conviver com a pior dor do mundo (FREITAS; MICHEL, 2014) e algumas delas decidiram

ocupar o espaço público (VIANNA; FARIAS, 2011), tornando-se sujeitos políticos e erguendo uma bandeira de luta. Em uma praça central de Santa Maria, elas mantêm a Tenda da Vigília, onde se reúnem todas as quartas-feiras e dias 27 para exercerem o direito performático de estar em um lugar público (SIQUEIRA; VÍCTORA, 2017) e para expor suas demandas como uma forma de resistência. Ao mesmo tempo, em suas páginas pessoais no Facebook, elas fazem publicações sobre o incêndio, sobre seus filhos e sobre assuntos que, mesmo que não estejam ligados diretamente à tragédia, expõem a situação de um país em que a morte de 242 pessoas parece ser invisibilizada pela naturalização de injustiças (PAVANELLO, 2019).

Com o Facebook visto sob a ótica do consumo sociocultural, para cada grupo ele assume um significado diferente de acordo com as experiências e práticas que são compartilhadas (MILLER *et al*, 2016). Compreender as especificidades dos modos de apropriação é compreender de que forma eles são acionados para produzir sentido por meio das experiências compartilhadas (CASTRO, 2014). Para essa compreensão, é preciso se aprofundar nas experiências sociais vivenciadas pelos diferentes grupos.

Diante disso, este artigo objetiva discutir como um grupo de mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss consome o Facebook para enfrentar as tentativas de silenciamento e lutar por memória, justiça e transformação social. As considerações apresentadas neste trabalho foram feitas a partir da análise das práticas de consumo do Facebook pelas mães, que se reificam nas publicações feitas em seus perfis pessoais durante o ano de 2018. As imagens foram capturadas, com autorização delas, com uma ferramenta de cópia de tela e interpretadas por meio de entrevistas em profundidade e conversas informais que aconteceram to-

das as semanas, na Tenda da Vigília, durante o mesmo ano. Essas são técnicas que constituem a abordagem metodológica de uma etnografia para internet (HINE, 2015, 2016) adotada para este artigo. São analisadas as publicações feitas por quatro mães, Ligiane da Silva, mãe de Andrielle, Áurea Flores, mãe de Luiz Eduardo, Maria Aparecida Neves, mãe de Augusto e Vanda Dacorso, mãe de Vitória. São utilizados os nomes verdadeiros de mães e filhos. Elas assinaram um termo em que concordam com a pesquisa e com a divulgação. Além disso, elas vêm este trabalho como apoio às ações desenvolvidas pelas mães.

Da tragédia à mobilização materna

A investigação policial da tragédia que matou 242 pessoas em um incêndio na Boate Kiss, em 27 de janeiro de 2013, revelou uma série de irregularidades no funcionamento da casa noturna, desde os processos de liberação de alvarás até as ações de fiscalização pela Prefeitura, Bombeiros e Ministério Público. No inquérito foram indiciadas 18 pessoas, entre elas secretários, funcionários e fiscais da prefeitura de Santa Maria, bombeiros que trabalharam no resgate das vítimas e na fiscalização da boate, além do comandante do Corpo de Bombeiros e do prefeito Cezar Schirmer (ARBEX, 2018). Porém apenas quatro pessoas, os dois sócios da Boate Kiss e dois integrantes da banda, foram denunciadas pelo Ministério Público por homicídio doloso e aguardam em liberdade o julgamento.

O incêndio na boate revelou uma trama de contradições e de conflitos provocados por condutas consideradas omissas, negligentes e/ou criminosas, levantando suspeitas sobre a conduta de diversos agentes públicos.

A principal pergunta dos familiares afetados diretamente pelo evento é como uma boate que jamais operou um único mês atendendo a todas as exigências legais para a manutenção de suas atividades conseguiu chegar, incólume, até o dia 27 de janeiro de 2013 (ARBEX, 2018, p.198).

Uma das consequências desse processo foi a perda da confiança na atuação dos órgãos públicos que, para as mães e pais das vítimas, não estavam cumprindo seu papel de proteger os cidadãos.

Naquele ano, nas primeiras semanas, foram muitas as manifestações de apoio aos familiares que eram expressadas em ações singelas como a colocação de fitas brancas em veículos, nas fachadas das lojas e residências, o que demonstrava comoção e solidariedade. O Facebook foi tomado como ferramenta de mobilização por ações protagonizadas e endossadas por moradores de Santa Maria. Silva e Brignol (2018) relatam que a Caminhada da Paz e a Caminhada do Luto, dois eventos organizados separadamente, mas que se aglutinaram, reuniram cerca de 30 mil pessoas no dia 28 de janeiro de 2013. As atividades foram organizadas e os participantes mobilizados por meio do Facebook. Com o compartilhamento da indignação e do acionamento de sentimentos como insatisfação, revolta e esperança, “a comunicação em rede permitiu que os afetos e as emoções fossem compartilhados e que fossem construídos vínculos sociais, que deram sentido à participação nas ruas.” (SILVA, BRIGNOL, 2018, p. 174).

Entretanto esses sentimentos não perduraram para muitos santa-marienses, em especial para os empresários e políticos que tão logo passaram a operar “um projeto de esquecimento” (TOMAIM, 2018, p. 327), atrelando a estagnação econômica da cidade à constante recordação do incêndio. Também passou a ser comum ouvir pessoas nas ruas e nas redes sociais repetindo frases como “vamos

deixar Santa Maria voltar a sorrir” e pedidos de que os familiares “superassem” a tragédia. Ainda as ações dos familiares divergem opiniões entre os que apoiam e os que desqualificam a luta deles. O Facebook, que outrora fora consumido como mediador de sentimentos e ações por um grande número de pessoas, passou a ser apropriado por mães que constituíram seus perfis pessoais como espaços para falar das suas dores e reivindicações.

Na sociedade contemporânea, é por meio do consumo das redes sociais *on-line* que muitos indivíduos e grupos constroem um espaço de ação social a partir da criação de experiências pelas práticas desenvolvidas nesses ambientes. Castro (2014) defende a ideia de que as práticas de consumo vão além do aspecto material para se tornar algo simbólico de um estilo de vida e de maneiras de ser e de agir. “Estudar as práticas de consumo significa também procurar compreender as especificidades dos modos de apropriação de cada grupo social, que funciona segundo regras próprias de atribuição de sentido a produtos, serviços, marcas e afins.” (CASTRO, 2014, p. 62-63). Enquanto um grupo arregimenta o consumo dos seus membros, ele também dá suporte social no enfrentamento de eventuais dificuldades. Dessa forma, os bens são utilizados para assinalar aqueles que compartilham de um mesmo conjunto de valores (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004).

Campanella e Barros (2016) destacam que as práticas realizadas nos ambientes *on-line* não podem ser vistas fora de um sistema social, isolado de outras esferas da vida, não sendo adequado ver a internet como determinante de comportamentos. “As ‘novas mídias’, portanto, entram na vida de sujeitos específicos, que se orientam a partir de códigos culturais particulares que criam práticas diversas a serem analisadas.” (CAMPANELLA; BARROS, 2016, p.8).

Articulando ações nos espaços físicos e virtuais, desde as primeiras semanas que se seguiram à tragédia, familiares de vítimas se organizaram coletivamente como forma de buscar autonomia e representatividade frente à luta por respostas das autoridades. Surgiram a Associação de Familiares e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM), o Movimento do Luto à Luta, as Mães de Janeiro e a ONG Para Sempre Cinderelas (PEIXOTO, 2014). Dentro dessas organizações, as mães atuavam nas manifestações, concediam entrevistas, participavam de reportagens, o que, juntamente com a relação consanguínea e a imagem socialmente construída do amor de mãe (BADINTER, 1985) e de mães que perdem os filhos em mortes violentas (FREITAS, 2002), fez com que elas fossem reconhecidas imagetivamente na cidade como mães que lutam.

Participar das entidades representativas das vítimas e ir aos espaços públicos reivindicar por justiça faz parte do que Vianna e Faria (2011) apontam como um processo para desenvolver um “domínio crescente de códigos de conduta e de elaboração de estratégias para fazer-se ouvir” (VIANNA; FARIA, 2011, p.87), habilidades que as mães passaram a mobilizar em ações no Facebook em busca de visibilidade, conforme o espaço e o tempo destinado às causas dos familiares em veículos de mídia tradicionais foram diminuindo com o passar dos anos.

O fato de elas serem mães enlutadas e acionarem o seu lugar de fala as legitima para entrar no espaço público e se fazer ouvir (BRITES; FONSECA, 2013), bem como para quebrar protocolos e se pronunciarem sobre o particular e também pelo coletivo de mães na mesma situação. A imagem de mãe sofredora que luta (FREITAS, 2002) contribui para justificar gritos, choros e clamores de mães.

Na FIGURA 1, Maria Aparecida explicita qual o significado de um filho na vida de uma mãe, destacando a centralidade na vida de uma mulher: “são nossa razão de viver, e são o nosso amor maior”. Já Ligiane (FIGURA 2) reafirma a ideia popular de que a morte de uma filha é a pior coisa que pode acontecer a uma mãe. As publicações colaboram para que as mães sejam percebidas no topo da “hierarquia da dor” (PEIXOTO, 2014) no momento em que explicitam o amor pelos filhos como ocupando o topo da hierarquia de sentimentos.

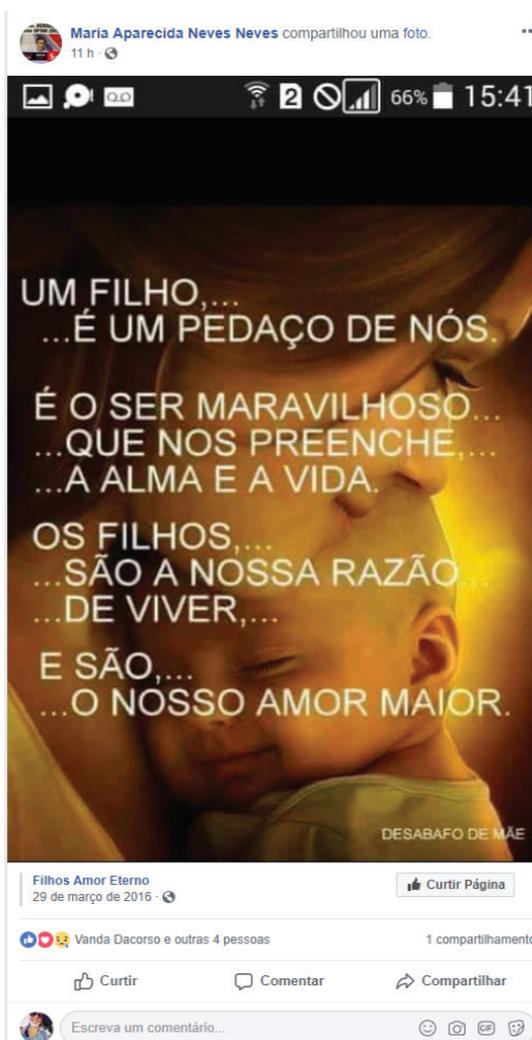


FIGURA 1: Publicação de Maria Aparecida no Facebook, sobre amor materno.

Fonte: Facebook, 17 de jun. 2018

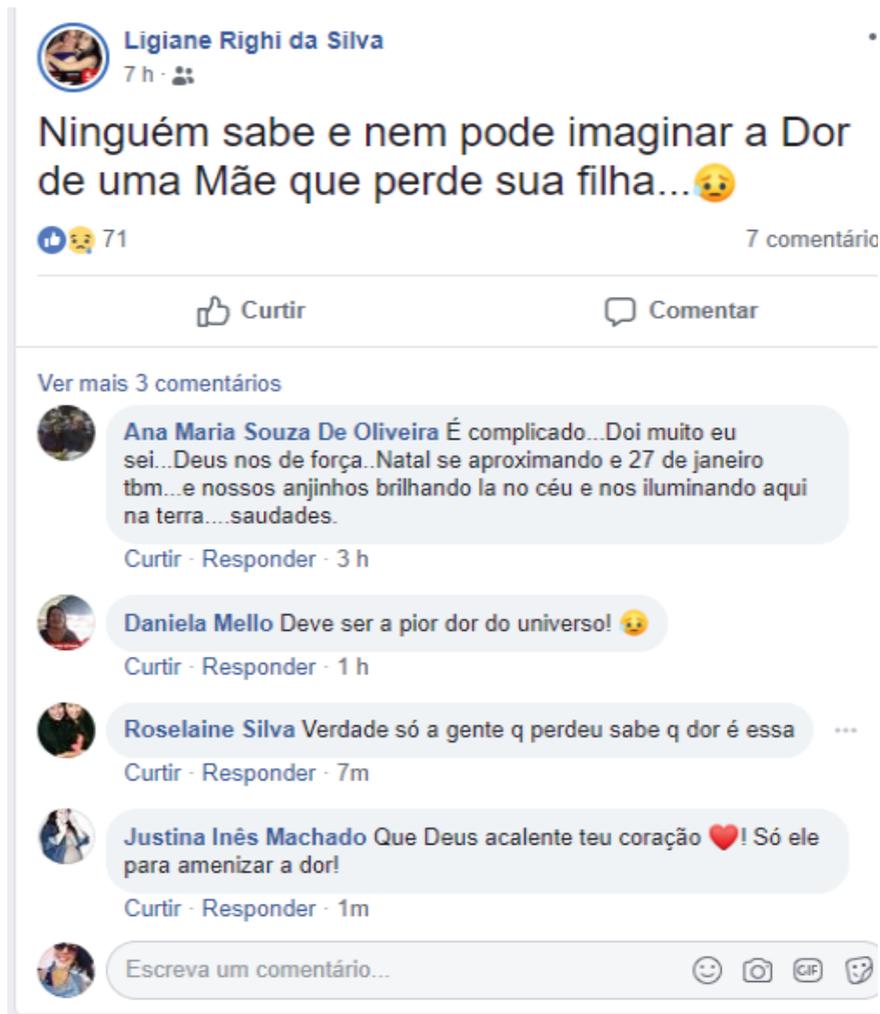


FIGURA 2: Publicação de Ligiane no Facebook sobre a dor da perda.
 Fonte: Facebook, 4 maio de 2018

Porém, alguns comportamentos podem ser apontados como justificativa para chamar as mães de loucas, imagem comumente associada àquelas que subvertem a lógica dos espaços definidos na sociedade como lugar de homem e de mulher. Na FIGURA 3, Ligiane compartilha um texto no qual explica que uma mãe fica louca depois da morte de um filho e, por consequência, passa também a apresentar “sintomas de insanidade” ao falar o tempo todo do próprio filho e a se preocupar com o filho de outras, que recebem “receitas” como “chás e livros e simpatias” para que se curem. O texto, que não é de

autoria dela, mas copiado de outra mãe, permite que Ligiane faça a seguinte reflexão: “porque a dor de uma mãe que perde o filho é a mesma coisa. Tudo que tá escrito ali é a mesma coisa, é tudo o que eu passo hoje” (Ligiane, 2018). Ligiane usa a ideia de loucura para justificar seu sofrimento e suas atitudes, além de se ancorar na ideia de uma condição compartilhada por outras mães.

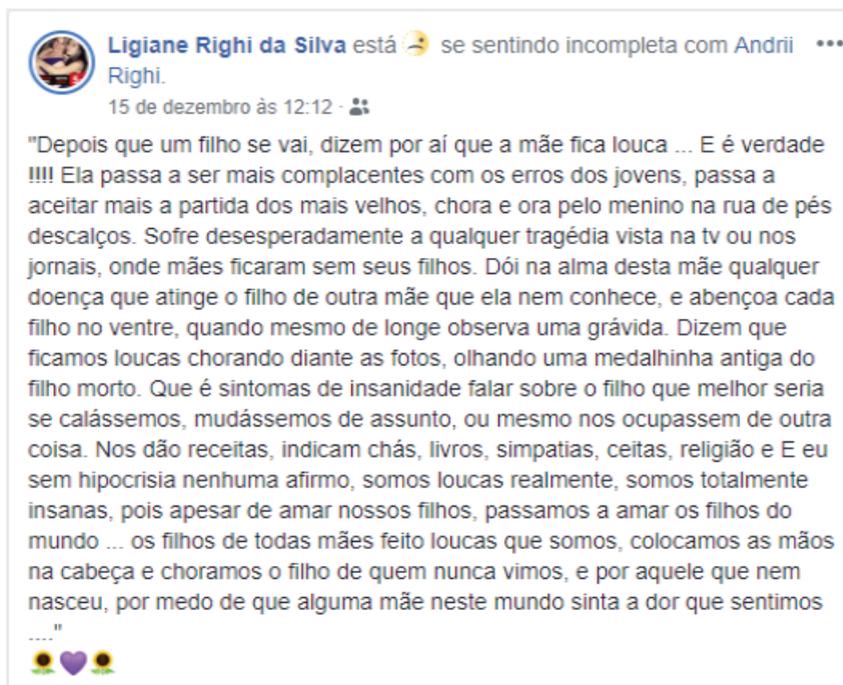


FIGURA 3: Texto sobre loucura compartilhado por Ligiane no Facebook
Fonte: Facebook, 15 dez. 2018.

No caso das Mães da Plaza de Mayo, na Argentina, o adjetivo foi empregado como uma forma de desacreditá-las diante da opinião pública e dos jornalistas. “A desqualificação das mães através do uso da palavra louca era fortalecida com a imagem que a sociedade em geral criou acerca dessa pessoa, sujeito que cria fantasias, afastando-se da realidade.” (PAULA, 2014, p.57). Para mães de vítimas de violência urbana no Rio de Janeiro¹, ser “briguenta” era um orgulho e

¹ Brites e Fonseca (2013) se referem às mães de vítimas das chacinas de Acari, da Candelária e de Vigário Geral.

não uma crítica à condição feminina. Era um adjetivo que legitimava a situação de mães enlutadas que adentram o espaço público para serem ouvidas. “Para essas mulheres, os seus direitos e sua dor de mãe faziam parte do mesmo pacote.” (BRITES; FONSECA, 2013, p.873).

Em Santa Maria, para tentar afastar estereótipos negativos, as mães de vítimas da Boate Kiss tentam fortalecer o sentido de que “lutar não é loucura”. Na FIGURA 4, está uma publicação feita por Ligiane, no dia 26 de outubro. A postagem destaca a realização da vigília permanente, marcada para o dia 27 de outubro. Ela escreve: “batalha só se vence com muita luta”. Uma forma de justificar para a sociedade os motivos por que elas ainda insistem em sair às ruas e mostrar suas dores e reivindicações. A publicação é compartilhada por Maria Aparecida, que destaca que a luta das mães é “por eles”, portanto em nome dos filhos.



FIGURA 4: Publicações sobre “Lutar não é loucura” por Ligiane e Maria Aparecida no Facebook.

Fonte: Facebook, 26 out. 2018.

A mesma frase também foi compartilhada por Vanda, no dia 9 de janeiro (FIGURA 5), de uma publicação feita originalmente por Ligiane. Reforçar constantemente que a luta delas não pode ser configurada como loucura é uma forma de resistência contra moradores e empresários da cidade que mobilizam esforços, nem sempre explí-

bitos, para que elas se calem e principalmente para que desocupem a Tenda da Vigília na praça. Segundo Ligiane, as mães já foram convidadas por empresários a se retirarem da praça, por meio do oferecimento de uma sala exclusiva para que elas fizessem vigília, dentro de um edifício; portanto, “longe das vistas das pessoas” (Ligiane, 2018). Além disso, todas as semanas, elas precisam lidar com olhares de desaprovação, narizes torcidos e até discursos de pessoas que entram na Tenda para desqualificar o trabalho das mães.



FIGURA 5: Publicação de Vanda sobre loucura no Facebook.
Fonte: Facebook, 9 jan. 2018

Enquanto mantêm as vigílias na praça, elas também consomem o Facebook como uma forma de ampliar as vozes. Enxergam na rede social uma oportunidade de reforçar a dor de uma mãe enlutada, explicar os motivos que as fazem seguir nessa “batalha”, ao mesmo

tempo em que tentam fugir do estereótipo de loucas. Assim procuram legitimar seus lugares de fala e suas ações na busca de seus objetivos.

Facebook como ferramenta em busca de memória e justiça

A lógica de funcionamento do Facebook, regida por algoritmos, influencia no que é visto por cada usuário em seu perfil pessoal e nos conteúdos a que cada um tem acesso. As práticas de consumo da plataforma, experienciadas por cada indivíduo, vão moldando-a de acordo com os interesses individuais e transformam a *timeline* de cada um no reflexo de suas convicções e pensamentos (PARISER, 2012, LANIER, 2018).

Ainda que conscientes da ação dos algoritmos, mesmo sem saber exatamente como eles influenciam no regime de visibilidade das publicações, as mães veem na plataforma um meio de ampliar suas vozes. Elas acionam o Facebook em um processo de construção da memória da tragédia. A empreitada foi assumida por elas como uma responsabilidade, como nos afirma Nora (1993); a memória emerge do grupo unido por ela. Está em constante construção, uma vez que é carregada por grupos vivos e “está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulneráveis a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações.” (NORA, 1993, p.9). A memória se alimenta de lembranças vagas, particulares e simbólicas e, apesar de coletiva, é formada a partir dos indivíduos.

No momento em que a memória começar a se dispersar entre sujeitos que não se interessam por ela, afirma-nos Halbwachs (2006), ela corre o risco de se perder. “Então, o único meio de salvar tais lem-

branças é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem.” (HALBWACHS, 2006, p.55).

A escrita e as imagens são apresentadas por Assmann (2011) como sendo importantes ferramentas para evitar a segunda morte social, a do esquecimento. A autora argumenta, entretanto, que as mídias digitais, ao mesmo tempo em que permitem um armazenamento inimaginável, favorecem a circulação de informações em um ritmo sempre mais veloz, o que não possibilitaria a construção de uma memória cultural, que a autora define como aquela tanto individual quanto coletiva, social e historicamente construída. Assmann (2011) nos adverte que as “mídias de memória” são responsáveis por dar suporte à memória cultural, por meio da qual se tem conhecimento da “memória experiencial” de uma época. Dessa forma, mesmo que inseridas em um regime efêmero de visibilidade, consideramos as publicações online, feitas por esse grupo de mães, um registro do tempo presente por meio de suas manifestações nas mídias digitais.

A manutenção da memória traz a reboque a vontade de justiça e o propósito de mudança social. As quatro mães têm concepções diferentes do que seria justiça no caso da Kiss, mas todas concordam que a tragédia não deve ser esquecida e precisa servir como exemplo. Como afirma Ligiane, “o brasileiro esquece muito rápido, ele banaliza a morte” (Ligiane, 2018). Para as mães não basta que a tragédia seja lembrada, mas também que não seja repetida, para que as mortes não tenham sido em vão.

Por meio de marcadores de rituais operados por bens materiais (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004), as mães e demais familiares ocupam a Tenda da Vigília todo o dia 27 de cada mês, como parte de um ritual estabelecido para definir publicamente o significado da-

quele espaço. Como mostra a FIGURA 6, Ligiane convida os amigos do Facebook para participar da Vigília em memória aos 65 meses da tragédia, dia 27 de junho. Na publicação, Ligiane marca pessoas que frequentam a Vigília. Vanda e Maria Aparecida compartilharam a postagem. Junto da mensagem, ela acrescenta uma figura e um sentimento – “se sentindo de coração partido” –, valendo-se da lógica de funcionamento da plataforma, em busca de maior visibilidade.

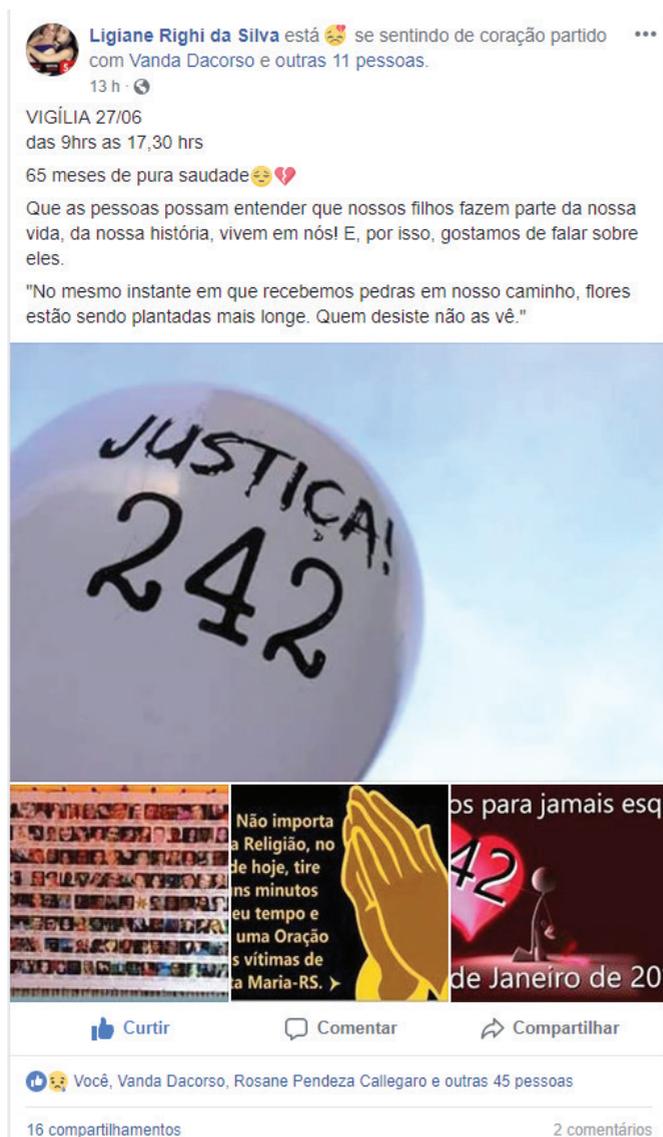


FIGURA 6: Convite para vigília dos 65 meses da tragédia publicado por Ligiane no Facebook.

Fonte: Facebook, 25 jun. 2018.

Como marco temporal, atualiza-se a contagem dos meses que se passaram sem que a justiça tenha sido feita, sendo compartilhada pelas mães em seus perfis no Facebook, a exemplo do que faz Áurea (FIGURA 7)

Áurea Flores 4 h · 🌐

Saudade imensa de um futuro que pra ti nao chegou! Te amo filho. Receba meu amor de todos os dias.

Deus ilumine a todos os 242 jovens vitimas da omissão e ganância. 🙏🙏🙏

André Cadoro Bossar	Ericson Ávila dos Santos	Juliana Sperone Lantz	Mariana Pereira Freitas	Ricardo Stefanello Povosian
Andressa Inga de Moura Ferreira	Erika Sartori Becker	Juliano de Almeida Farias	Mariana Wallau Valério	Robson Van der Ham
Andressa Ferreira Flores	Evden Costa Lopes	Karen Fernanda Krimich	Marlene Ieman Castro	Rodrigo Dellingerhausen Barmos
Andressa Rizer Paz	Fábio José Cervinski	Kellen Pereira de Rosa	Martina de Jesus Nunes	Rodrigo Teigen
Andressa Thalia Farias Britoaze	Felipe Vieira	Kellen Karsten Favari	Martina Kattermann Callegari	Roger Barcellos Farias
Andrieli Righi da Silva	Fernando de Lima Matheiros	Kelli Azevê Santos Azzolin	Martim Mascarenhas de Souza Onório	Roger D'Alagnol
Andressa Farias Nicoletti	Fernando Tischer	Larissa Holzbach	Martim Matana	Rogério Carlos Ivaniski
Ángelo Nicoloso Alta	Fernando Michel Vigarinos Parcanello	Larissa Torres Teixeira	Matheus de Lima Librelotto	Rogério Floriano Cardoso
Aniel Nunes Andreatta	Fernando Palla	Leurane Satopata	Matheus Engers Reboizo	Rosane Fernandes Rocherman
Augusto Cesar Neves	Fábio De Carl Magalhães	Leandra Fernandes Tonido	Matheus Pacheco Brandini	Ruan Penedas Callegari
Augusto Matos de Almeida Gomes	Fabio Maria Torres Lemos	Leandro Ávila Leivas	Matheus Rafael Raschen	Sabrina Soares Mendes
Augusto Sergio Krosupenhauer da Silva	Franciele Vilóli	Leandro Nunes de Silva	Maurício Louro Jaime	Sandra Leone Pacheco Emselt
Bárbara Moraes Nunes	Francielle Araújo Vieira	Leonardo de Lima Machado	Melissa Berguemas Come	Sandra Victorino Goulart
Benhur Ratzluff Rodrigues	Francieli Soares Vargas	Leonardo Lemos Karzburg	Melissa do Amaral Dalforno	Shaiana Tsuchem Antolini
Bernardo Carlo Rote	Gabriela Corine Santhone	Leonardo Machado de Lacerda	Merylin Camargo dos Santos	Silvio Beuren Junior
Bibiana Berfaze	Gabriela dos Santos Saenger	Leonardo Schuff Vendriculo	Michele Froehlich Cardoso	Stefani Possar Simeoni
Brady Adrian Gonçalves Silveira	Geni Loureiro da Silva	Leticia Bai	Michêli Dias de Campos	Suzete Casati
Bruna Bryndalen Piquita	Gilmaris Quintanilha Oliveira	Leticia Fernaz de Cruz	Miguel Whitlor May	Tails de Silva Scapin de Freitas
Bruna Camila Graeff	Givone Kroschemberg Simões	Leticia Vasconcelos	Miranda Rosa de Cruz	Tales Carolina Vivas Silveira
Bruna Eduarda Neu	Gracily Pastri Balms	Lincron Turcato Carabaggio	Mônica Anderson Danzari	Talke Santos dos Santos
Bruna Karoline Occel	Guilherme Pontes Gonçalves	Luiza Victoria Farias Britoaze	Murilo Souza Fumaco	Tassine Lopes Gatto
Bruno Kriehack	Guino Ramón Brito Burró	Luana Behr Vilama	Murilo Souza Baroni Silveira	Thaílan de Oliveira
Bruno Portella Fricks	Gustavo Ferreira Soares	Luana Facci Ferreira	Natana Pereira Carli	Thaisan Rethem de Oliveira
Camilla Maccuso Ramos	Gustavo Marques de Gonçalves	Lucas Das de Oliveira	Natasha Oliveira Urquiza	Thas Zimmermann Daril
Carlines Chaves Soares	Heitor Santos Oliveira Teixeira	Lucas Foggato	Nathalie dos Santos Soares	Thiaine Gomes Garcia
Carlos Alexandre dos Santos Machado	Helio Yvelina Gonçalves	Lucas Leite Teixeira	Natya Castro de Oliveira Marín	Thiago Amaro Cechinato
Carolina Simões Corte Real	Helena Poletto Dambrós	Luciane Moraes Lopes	Oscarillo Altissimo Gonçalves	Thiago Davigi Segatiniatti
Cassio Gonçaz Biscaio	Helio Trentin Junior	Luciano Ariel Silva de Silva	Osborn Gonzaga Noronha	Ubirajara Soares Bastos Junior
Cecilia Soares Vargas	Henrique Nemitz Martins	Luciano Taghiapetra Espendão	Pâmella de Jesus Lopes	Vagner Rulin Marostaga
Daniessa Lima Teixeira	Herbert Magalhães Charão	Luís Carlos Ludin de Oliveira	Paola Porto Rodrigues Costa	Vandecorck Marques Lara Junia
Daniay Caroline Santana Freitas da Palma	Igor Stefan de Oliveira	Luiz Felipe Balesi Povosian	Patrícia Passini Barro	Vanessa Vancovich Soares
Diziane Quevedo de Rosa	Ivelton Martins Kuglin	Luiza Batistola Pittow	Paula Batistola Gatto	Victor Daina Macagnan
Daniel Cecchin	Isabella Florini	Luiz Antônio Klott	Priscila Simone Malin Prates	Vinicius Giffi

CLAUDEMIRPEREIRA.COM.BR

KISS, 71 MESES. Já perto dos seis anos da tragédia, homenagem aos 242 meninos e meninas chacinados

👍❤️ 34 2 comentários 1 compartilhamento

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

FIGURA 7: Notícia compartilhada por Áurea, com contagem de meses transcorridos da tragédia.

Fonte: Facebook, 27 set. 2018.

A cada dia 27, as quatro mães fazem publicações sobre a Kiss em seus perfis pessoais. Em setembro, por exemplo, Áurea fez seis publicações na sua *timeline*, uma sobre a Kiss. Maria Aparecida postou oito vezes, duas sobre a tragédia. Vanda fez 17 postagens, sendo oito sobre o incêndio e Ligiane, das sete publicações, seis foram re-

lacionadas à tragédia. Elas consideram importante usar a data como referência para lembrar a tragédia nos ambientes *on-line* e também na Tenda da Vigília, como forma de marcar a data para contribuir na construção mnemônica social da tragédia.

Ao lutarem pela manutenção da memória, as mães acreditam que não estão fazendo isso apenas por elas, mas pelos familiares de todos os 242 mortos, uma forma de mostrar que a luta não é exclusiva em busca de propósitos individuais, mas de todos aqueles que foram afetados pela tragédia e envolver a coletividade em um clamor por justiça (BRITES; FONSECA, 2013). Para tal, desenvolvem a prática de utilizar *hashtags* como #justiça, #paranaoesquecer, #paranãorepetir, #BoateKiss242, #KissQueNãoSeRepita. Nos sites de redes sociais, essas marcas são símbolos de uma unidade temática e servem para que demais usuários possam se identificar com a mensagem e também reproduzi-la. As mães também empregam *hashtags* como #Kiss68meses e #Kiss5anos9meses para dar a dimensão do tempo transcorrido sem que a justiça tenha sido feita. Por mais que não exista um padrão na escrita, ou seja, cada uma coloca da maneira que percebe como sendo mais apropriada, observa-se a repetição das temáticas justiça, memória, contagem do tempo, número de vítimas e sendo acionadas sempre nas publicações relacionadas à justiça e à memória. Como exemplo temo a ação de Ligiane (FIGURA 8), que Ligiane atualiza a foto de capa de seu perfil em função dos cinco anos da tragédia e escreve #kissquenaoserepita.



FIGURA 8: Atualização do perfil por Ligiane, em função dos cinco anos da tragédia.
 Fonte: Facebook, 19 jan. 2018

As quatro mães abordadas aqui querem não apenas a responsabilização dos culpados, mas principalmente que outras mães não passem o mesmo sofrimento que elas. Acreditam que alguns avanços já foram feitos, como a criação da Lei Kiss², mas que muito ainda precisa ser feito. O esforço é para que Santa Maria seja lembrada não como a cidade da tragédia, mas a cidade exemplo de prevenção e segurança. As mães acreditam que a manutenção da memória da tragédia serve ao propósito não só de homenagem e respeito às vítimas, mas também para que outras gerações, novos estudantes que vão para Santa Maria possam conhecer o passado trágico que vitimou jovens como eles, para que possam desenvolver a consciência de que também são responsáveis pela própria vida e que têm o direito e o dever de se divertirem com segurança.

² Lei criada após a tragédia da Boate Kiss que define normas de prevenção e combate a incêndio em estabelecimentos, edificações e áreas de reunião de público.

A atuação do coletivo de mães também assume a perspectiva solidária. São exemplos de projetos as campanhas promovidas pela AVTSM e operacionalizadas pelas mães de vítimas, Quadrinhos de Amor, Festa de Dia das Crianças, Natal das Crianças. Ou as campanhas promovidas por familiares de forma individual, como Áurea e o marido por meio da Rede Dudu Bem. Cada projeto tem um objetivo diferente, mas todos têm em comum o propósito de ajudar grupos em situação de vulnerabilidade em Santa Maria, como crianças de escolas públicas da periferia, bebês recém-nascidos em hospitais públicos e moradores de rua. A agregação de novos propósitos à busca por justiça e memória, como a realização de campanhas beneficentes e projetos de mudança social, colabora para a permanência (FARIA; LERNER, 2018) do movimento de mães e tornam coletivas as lutas do grupo. Na FIGURA 9, vemos Áurea agradecer a colaboração das pessoas que fizeram doações para a campanha de compra de cobertores.



FIGURA 9: Publicação de Áurea, agradecendo o sucesso da campanha de arrecadação de cobertores.

Fonte: Facebook, 21 jun. 2018

Ligiane também faz questão de publicar sobre as doações recebidas e a destinação delas. Conforme vemos na FIGURA 10, ela compartilha uma reportagem publicada pelo jornal Diário de Santa Maria que noticiou a entrega das doações de roupas de tricô que foram confeccionadas pelas Mães Kiss.

 **Ligiane Righi da Silva** compartilhou uma publicação. 9 de junho às 21:24 · 

DIÁRIO **Diário de Santa Maria**
9 de junho às 13:57 · 

São as próprias mães que confeccionam as peças no projeto Quadrinhos de amor ❤️



DIARIOSM.COM.BR
Mães da AVTSM doam agasalhos para crianças recém-nascidas

 **Amei**  **Comentar**  **Compartilhar**

  Você e outras 14 pessoas

3 compartilhamentos

FIGURA 10: Notícia compartilhada por Ligiane sobre campanha Quadrinhos de Amor.

Fonte: Facebook, 9 jun. 2018.

A Tenda da Vigília funciona como ponto de arrecadação de doações e, ao mesmo tempo em que as mães encontram uma forma de manter a memória dos filhos, elas agregam um significado para a presença naquele espaço e acreditam que assim conseguem aumentar a aceitação do grupo na sociedade santa-mariense.

Eu vejo as Mães Kiss como uma coisa forte, que as pessoas respeitam. Não é pena, eu não vejo pena, ah! coitadinha das Mães Kiss, mas eu vejo as pessoas que chegam até mim e dizem, eu admiro vocês, a força

que vocês têm. Se fosse comigo eu não conseguiria lutar, não conseguiria fazer metade do que vocês fazem. Acho que somos um exemplo para outras mães, que perdem seus filhos da maneira que seja. (Maria Aparecida, 2018)

Sendo a memória construída a partir da percepção dos sujeitos, percebe-se que as mães empreendem um esforço de associar a tragédia não apenas com um episódio doloroso da história da cidade, mas também a uma nova perspectiva de vida, a partir da qual emergem lutas por mudanças sociais e ações de solidariedade. Ao ampliar o universo de significados atribuídos à tragédia, por meio das práticas de consumo do Facebook, as mães buscam construir e fixar uma memória coletiva da tragédia para que ela não caia na rede de impunidade que acomete o que cai no esquecimento.

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo analisar como um grupo de mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss, as Mães Kiss, consome o Facebook para enfrentar o silenciamento e lutar por memória e justiça no caso da tragédia. Ao perceberem que teriam que empreender esforços por conta própria para alcançar seus objetivos, subverteram uma ordem social, levando a maternidade e todo seu simbolismo de casa para a rua, assumindo seus lugares de fala em nome das mães de vítimas, para lutar por todas, assim como fizeram outras mães que perderam os filhos de forma violenta em diferentes situações. Ao transformar a dor da perda do filho em bandeira de luta, elas passam à condição de mães sujeitos políticos.

Para essas mães, o Facebook é um espaço de resistência. Elas legitimam a atuação do grupo por meio das publicações que tentam

justificar a dor da mãe enlutada e expor os motivos por que lutam. As práticas de consumo *on-line* das mães também buscam manter a memória da tragédia, articulada com o propósito de justiça e mudança social. Apesar da volatilidade das publicações *on-line*, que concorrem com as dos demais usuários e rapidamente são substituídas por outras mais atuais, as mães apostam na insistência para não permitir que o fato seja esquecido.

O Facebook é visto como uma forma de reforçar o significado do dia 27, tomado como marco da luta dos familiares. A plataforma é consumida como principal meio de comunicação das mães com a sociedade e para a realização de ações beneficentes como forma de mostrar que o grupo tem propósitos que alcançam outros setores da sociedade, para assim conquistar empatia para a causa.

Por meio da indicação desses significados do Facebook, assumidos a partir das práticas de consumo das mães, não se quer enaltecer a plataforma que serve a interesses mercadológicos de acordo com lógicas algorítmicas que modulam o comportamento dos usuários, entretanto quer-se apontar que o Facebook é tomado como espaço de ação no qual as mães são capazes de estabelecer redes de comunicação e organizar formas de ação em busca de memória e justiça enquanto aprendem a conviver com a saudade dos filhos.

“Fighting is not crazy”: the action of the group Kiss Mothers in search of memory and justice in the case of tragedy

Abstract

A group of mothers who lost their children in the Kiss Nightclub Tragedy came together to ask for justice and memory. As a form of resistance, they hold permanent vigil in downtown Santa Maria / RS and consume Facebook as a communication device with society. The purpose of this article is to analyze Kiss Mothers' consumption practices of Facebook to face the attempts to silence their voices, naturalize injustices

and forget about the tragedy. This work is supported by the theories of sociocultural consumption of digital platforms (MILLER et al, 2016; CAMPANELLA; BARROS, 2016; CASTRO, 2014, DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004). An ethnographic for the internet is adopted (HINE, 2015, 2016), through which we seek a reflection based on the publications and the perception of these practices by the mothers themselves. Among the conclusions, it is pointed out that Facebook is consumed in order to create and legitimize their presence in physical and virtual public spaces and an effort to strengthen the group's struggle for memory in the name of justice.

Keywords: Facebook. Consumption Practices. Kiss Nightclub. Mothers Kiss. Memory.

Referências

ARBEX, Daniela. **Todo dia a mesma noite**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BADINTER, Elisabeth. **Amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BRITES, Jurema; FONSECA, Cláudia. As metamorfoses de um movimento social: mães de vítimas da violência no Brasil. **Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa**. ICS. v. 48, n. 209 – out./ nov./ dez. 2013. p. 859- 877.

CAMPANELLA, Bruno; BARROS Carla (org.). **Etnografia e consumo midiático**: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: e-papers, 2016.

CASTRO, G. G. S. Comunicação e consumo nas dinâmicas culturais do mundo globalizado. **PragMATIZES**: Revista Latino Americana de Estudos em Cultura, Rio de Janeiro, a. 4, n. 6, mar. 2014, p. 58-71.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

FREITAS, Rita de Cássia. Famílias e violência: reflexões sobre as Mães de Acari. **Psicologia**. USP. v. 13, n. 2. Jul. 2002, p. 69-103.

FREITAS, Joanneliese; MICHEL, Luís H. A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 2, abr./jun. 2014, p. 273-283.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HINE, Christine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. In: CAMPANELLA, Bruno. BARROS, Carla (org.). **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

HINE, Christine. **Ethography for the internet: Embedded, Embodied and Everyday**. London: Bloomsbury, 2015.

LANIER, Jaron. **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

MILLER, Daniel; COSTA, Elisabetta; HAYNES, Nell; MCDONALD, Tom; NICOLESCU, Razvan; SINANAN, Jolynna; SPYER, Juliano; VENKATRAMAN, Shriram. **How the World Changed Social Media**. London: UCL Press, 2016.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. PUC, São Paulo, n. 10, dez, 1993, p. 7-28.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PAULA, A. G. **Pensar a democracia: o Movimento Feminino pela Anistia e as Mães da Praça de Maio (1977-1985)**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PAVANELLO, Alice. **Práticas de consumo das redes sociais por mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss: a criação de experiências no cotidiano**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

PEIXOTO, Priscila. **Acorda Santa Maria: um estudo sobre as estratégias coletivas de organização dos familiares das vítimas da Boate Kiss**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de

Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

SILVA, Carolina; BRIGNOL, Liliane. Mobilização social no Facebook: conectando solidariedade e justiça no caso da Boate Kiss. In: SILVEIRA, Ada. (Org.). **Mediatização da Tragédia de Santa Maria**. Santa Maria: Facos-UFSM, 2018.

SIQUEIRA, Monalisa; VÍCTORA, Ceres. O corpo no espaço público: emoções e processos reivindicatórios no contexto da “Tragédia de Santa Maria”. **Revista Latinoamericana sexualidad, salud y sociedad**. n. 25, abr. 2017, p.166-190.

TOMAIM, Cássio. O trauma atualizado na televisão e no cinema: entre o imediatismo do acontecimento do acontecimento jornalístico e a vontade de memória diante da “Tragédia de Santa Maria”. In: SILVEIRA, Ada (Org.). **Mediatização da tragédia de Santa Maria**. Santa Maria: Facos-UFSM, 2018.

VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional. **Cadernos Pagu**. Unicamp. n.37. jul./dez. 2011. p.79-116.

Data de submissão: 03/10/2019

Data de aceite: 24/10/2019